



Eixo Temático: 6 - Práticas pedagógicas, formação de professores e formação continuada

PESQUISA-AÇÃO COMO PRÁTICA FORMATIVA DO PROFESSOR REFLEXIVO

Laércio Francesconi¹

Maria Cristina Pansera de Araujo²

Introdução

A pesquisa-ação é uma metodologia descrita, na metade do século XX, pelo psicólogo alemão Kurt Lewin (1890-1946), que propõe a pesquisa fundamentada na ação, como promotora de reflexão autocrítica em que o pesquisador é interventor e agente de mudança. Assim, transforma sua atitude filosófica na relação com o mundo. A pesquisa-ação pode ser desenvolvida em vários espaços sociais, que desejam uma intervenção a partir de um diagnóstico realizado. Além de Lewin (1946), Lawrence Stenhouse (1988), John Elliott (2000), Carr & Kemmis (1988) e Kennet M. Zeichner (1993) ampliaram esta proposição da pesquisa-ação. Este artigo procura explicitar a concepção de pesquisa-ação de cada um dos autores, considerando a interlocução entre eles, ao reconhecerem o professor como pesquisador reflexivo.

Reflexões e entendimentos sobre pesquisa-ação à luz de seus autores

Muitos autores atribuem o termo pesquisa-ação a Kurt Lewin, que desenvolveu os estudos sobre relações intergrupais, ao propor um modelo baseado em ciclos de espirais auto reflexivas: Pesquisa-ação, diagnóstico, planejamento, ação, observação-registros e reflexão-avaliação. Cada um dos passos é parte da autorreflexão e carrega enorme potencial de aprimoramento pessoal, se realizado de forma colaborativa por coparticipantes durante o processo de implementação. Esta sequência é construída por meio de um movimento, que abrange a relação das dimensões do método, caracterizado entre pesquisa, reflexão e ação, na realização das ações em ciclos. Ela abrange o diagnóstico, ações de planejamento, intervenção e avaliação do processo, e as práticas produzem mudanças significativas na escola.

1 Professor da Rede Municipal de Educação. Mestrando em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

2 Professora Pesquisadora do Grupo GIPEC da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.



A pesquisa-ação oferece a oportunidade de criação de grupos de estudos, em que os professores, estudantes e pesquisadores podem reunir-se como coparticipantes, com a intenção de refazer as práticas, nos espaços das reuniões, em que os participantes interagem com racionalidade e democracia.

Quadro 1: Sistematização de Algumas Concepções de Pesquisa-ação

AUTOR/ ANO	CONCEPÇÃO DE PESQUISA-AÇÃO
Kurt Lewin -1946	Pesquisa-ação é um processo no qual ocorre transformação social, a qual pode melhorar a formação profissional tanto dos participantes pesquisadores quanto pesquisados, ao propiciar serviços de melhor qualidade, na educação. É um posicionamento real da ação, com reflexão e avaliação dos resultados.
Lawrence Stenhouse - 1988	Pesquisa-ação constitui um modelo que demanda o conhecimento de dois conceitos: “ato de investigação” e “ato substantivo”. O primeiro corresponde a ação que incentiva uma investigação, enquanto o segundo é a ação que promove mudança desejável na sociedade e nas pessoas que dela fazem parte.
Carr e Kemmis - 1988	Pesquisa-ação é maneira de investigação auto reflexiva, realizada por professores a fim de melhorar a compreensão de suas próprias práticas.
Kennet M. Zeichner – 1993	Defende os projetos de pesquisa de forma individual, desde que se garanta um espaço coletivo para apresentar e discutir o mesmo.
John Elliott – 2000	Pesquisa-ação como estudo de uma situação social, conduzido para melhorar a qualidade das ações que nela se desenvolvem.

Fonte: Autoria própria.

Com a pesquisa-ação, os docentes têm a oportunidade de obter êxito, nos projetos propostos e implantados. Entendemos que esse tipo de investigação vem, ainda, sendo descoberto por um número crescente de profissionais e, em certos processos, é enfatizada uma glorificação à crítica da pesquisa-ação, desrespeitando a contribuição trazida para a melhoria da prática profissional e do bem comum (DINIZ-PEREIRA; ZEICHNER, 2008).

Para Lewin (1946), a pesquisa-ação potencializa os profissionais, na incorporação do conhecimento ou teoria, que orienta os seus trabalhos através de uma pesquisa sistemática sobre suas próprias práticas, possibilitando aos profissionais refletir sobre elas. Do mesmo modo, as mudanças institucionais e nos locais de trabalho contribuem para que a sociedade se torne mais democrática.

Ainda, Lewin (1946) afirma a necessidade de estabelecimento de processos e parâmetros para averiguar os acontecimentos anteriores e posteriores das ações, além de fazer um registro detalhado de todos os fatos. Desta forma, os problemas básicos na investigação eram já estabelecidos pelas próprias situações sociais conflitantes e confusas.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

O trabalho de Lewin (1946) sobre a pesquisa-ação foi considerado inovador pelo seu caráter participativo e democrático, uma vez que a pesquisa se desenvolve com a participação dos indivíduos que estão sendo estudados.

Juntamente com Lewin (1946), não podemos deixar de mencionar Lawrence Stenhouse e John Elliott, cujas pesquisas foram feitas no campo educacional. Ambos trabalharam juntos no projeto Humanities Curriculum Project, que visava uma reforma curricular com participação efetiva dos professores, responsáveis por elaborar e comprovar suas próprias teorias, bem como as teorias pensadas por outras pessoas. Esse projeto foi um marco importante na história da pesquisa-ação, que deu origem ao movimento dos professores como pesquisadores (Elliott, 2000), movimento este caracterizado por ser uma contraposição a visão do professor técnico e mero reproduzidor do conhecimento.

Na pesquisa-ação, os atos de investigação são necessariamente substantivos, isto é, o ato de investigar pressupõe uma função, para beneficiar pessoas, mesmo que não façam parte desta comunidade científica. Assim, a essência da pesquisa-ação em educação está no fato de que sempre existe ação e desenvolvimento da prática dos professores, que beneficiam a educação (Stenhouse, 1998). A sala de aula é o lugar onde a pesquisa-ação é realizada pelos professores, ao concretizar o currículo.

Primeiramente, é preciso desenvolver estratégias pedagógicas de cunho próprio, dependentes do contexto em que os professores atuam (Stenhouse, 1998), em que se colocam no processo de pesquisa-ação, como observadores e participantes da sua prática na sala de aula e na escola.

Para Elliot (2000), a pesquisa-ação visa melhorar a prática e gerar conhecimentos, na organização de grupos de pesquisadores e professores, que se reúnem a fim de partilhar seus valores para modificar as situações em que se encontram, bem como a si próprios. Nestes grupos, ocorre a pesquisa-ação reflexiva da própria prática e o processo de investigação da prática. Para o autor, as teorias e hipóteses geradas não dependem da comprovação de provas científicas, mas sim da sua utilidade ao ajudar pessoas a agirem de um modo melhor.

Com base em Stenhouse (1998) e Elliott (2000), a pesquisa-ação vem ao encontro da melhoria da prática docente dos professores, em sala de aula, e também das teorias dos especialistas. Há necessidade de momentos em que ambos socializem as práticas relacionadas com a teoria. Esta ação colaborativa entre pesquisadores acadêmicos e professores favorece o



desenvolvimento reflexivo de transformar a sua prática. Entende-se que o professor se torna um sujeito mais autônomo e mais livre para experimentar e melhorar a sua prática.

Wilfred Carr e Stephen Kemmis (1988) consideram que nem sempre um professor que atua sozinho consegue mudar as suas práticas, por isso, propuseram que a pesquisa-ação seja compreendida como processo coletivo de mudanças sociais. Para eles, o objetivo da pesquisa-ação era ajudar as pessoas a se visualizarem como partes da história, em caminhos de melhoria da vida social. Além disso, a pesquisa-ação cria uma forma de aprendizagem coletiva, em que os grupos de pesquisadores aprendem a mudar, a partir do próprio processo da pesquisa, bem como novas tentativas de mudança do meio social.

De acordo com os autores, nem toda a proposta de pesquisa-ação pode promover uma prática educativa reflexiva e também libertadora. Por esta razão, os autores distinguem três tipos de pesquisa-ação: a técnica, a prática e a emancipatória. A pesquisa-ação técnica ocorre quando os facilitadores ou agentes externos do grupo convencem o grupo a testar resultados de pesquisa realizadas em outros locais com outros sujeitos. Este tipo de pesquisa tem a finalidade de contribuir para melhorar o campo do conhecimento externo a fim de desenvolver a prática dos professores.

A pesquisa-ação prática ocorre quando os facilitadores mantêm uma relação de forma cooperativa com os professores, ajudando uns aos outros a articularem os seus planejamentos, também as ações de mudança, a detectar os problemas e suas causas e os efeitos das ações. Este tipo de pesquisa tem a finalidade de desenvolver o raciocínio dos professores, e por isso os pesquisadores procuram não questionar nem intervir o seu rumo.

O terceiro tipo de pesquisa-ação é o emancipatório, ela incorpora os valores educativos contidos na prática e os submete a uma avaliação. A pesquisa-ação emancipatória ocorre somente quando grupo de professores assume de forma coletiva a responsabilidade pelo desenvolvimento e também pela transformação que a prática promove. Cabe aos professores participantes do grupo de pesquisa-ação discutir e fazer uma reflexão de suas práticas ajudando uns aos outros a modificar as suas práticas.

Vale ressaltar que toda a responsabilidade do desenvolvimento de todo o trabalho, bem como as mudanças promovidas por ele devem ser sempre assumidas pelo grupo. Dentre os três tipos de pesquisa-ação, Carr & Kemmis (1988) tendem a defender a pesquisa-ação



emancipatória, fundamentadas em algumas condições básicas. A pesquisa acima de tudo deve envolver os responsáveis pela prática em todos os momentos das atividades.

Kenneth Zeichner (1993) destaca critérios éticos e morais da pesquisa-ação emancipatória e considera, como principal desafio dos formadores de professores, ajudar os alunos a desenvolver habilidades de enxergar o mundo fora da sala de aula, conectado com o aprendido em aula. Já Carr & Kemmis (1988) consideram a pesquisa-ação colaborativa, quando existe um grupo de pesquisadores e este escolhe de forma coletiva um problema que será investigado. Eles têm como princípio que, quando os professores da educação básica param para refletir sobre a sua prática, produzem conhecimentos e são vistos como pesquisadores.

A pesquisa-ação na escola

O professor é um pesquisador em toda sua vida profissional toda vez que revisita a sua prática e a modifica, e as leituras realizadas sobre pesquisa-ação mostram as inúmeras possibilidades. O plano coletivo de trabalho permite que os sujeitos desempenhem uma ação ativa com a sua prática e os alunos. Nos encontros de pesquisa-ação, tanto professores quanto alunos devem estar engajados, a fim de participar de situações em que o diálogo e a troca de saberes têm papel fundamental, neste processo, de escuta e fala sobre as experiências vividas. As atividades de intervenção, que ambos os participantes do grupo desenvolvem, possibilitam uma percepção do contexto social, no qual estão inseridos.

Os professores ao participarem do processo de pesquisa-ação ampliam os espaços de educação coletiva, assim efetivando e melhorando a prática pedagógica, criando novos métodos de discussões com outros professores e ressignificando a sua prática de ensino. Neste processo de compreender e melhorar a prática, os professores têm a intenção de transformar dúvidas em soluções para seus questionamentos. Questionamento estes que são visíveis somente quando revisitar a sua prática e aceitar dialogar com outros professores expondo a mesma para o grupo de pesquisa. No entanto em sala de aula o professor pesquisador tem a função que é de instigar seus alunos a participarem de um processo investigativo inicial o qual se dá desde muito cedo na educação básica e deveria se perpetuar até a universidade. Mas o que vejo é profissionais fazendo o caminho inverso a tudo isso; são alunos que recebem pouco ou nenhum incentivo para a pesquisa, se detendo ao saber transmitido pelo professor o qual é



tido como autoridade máxima na sala de aula e os alunos como sujeitos passíveis e receptores do saber do professor.

Percebe-se ao dialogar com professores que ser pesquisador está reservado ao professor da universidade e com eles somam-se os alunos universitários. Entende-se que a pesquisa está diretamente ligada a universidade e ela é detentora da pesquisa e se esquece de que para termos bons pesquisadores o incentivo da pesquisa deve começar na educação básica. Este aprender a pesquisar fazendo pesquisa é característico e uma educação interdisciplinar o qual se inicia desde a pré-escola, onde a pesquisa é realizada em grande maioria dos casos de forma individualizada e com a ajuda da família e socializada nas aulas para o grande grupo. Na universidade tem-se a possibilidade de realizar projetos interdisciplinares, ou seja, a pesquisa torna-se coletiva, cada membro do grupo de pesquisa passa a pensar de forma individual e solitária.

Para que esta mudança no ensino aconteça é necessária a participação dos professores de forma coletiva nas discussões em grupo a fim de fazer com que se reflita sobre o seu trabalho. Para haver esta troca de conhecimentos, é importante que os participantes do grupo sejam da mesma área de ensino, a fim de que possam dialogar e compreender o outro.

Considerações finais

Portanto, a pesquisa-ação tem como resultado a transformação social, que de certa forma pode melhorar a formação profissional dos que nela participam, pois, ao proporcionar que os professores revejam a sua prática, melhoram a qualidade da sua prática em sala de aula.

Desta forma, esta troca de saberes que ocorre com os participantes do grupo de pesquisa-ação potencializa estes profissionais na incorporação do conhecimento ou teoria que orienta os seus trabalhos através de uma pesquisa sistemática sobre suas próprias práticas. Do mesmo modo, pode influenciar nas mudanças institucionais nos seus locais de trabalho, contribuindo para que a sociedade se torne mais democrática na educação. O principal desafio é formar um professor reflexivo desde sua formação inicial, e isso é complexo, pois se trata, ao mesmo tempo, de ampliar as bases científicas da prática, e onde elas existem, e lutar contra uma ignorância ainda muito ampla.



Frente às teorias vistas, podemos perceber que, por parte de alguns professores, também há uma falta de estímulo para que façam parte dos grupos de estudos onde a pesquisa-ação seja o foco principal, estes por sua vez tem a ideia de que os grupos de pesquisa são somente para professores universitários e estudantes e que estes possam interferir de forma negativa ou crítica na sua prática. Então faço o seguinte questionamento - o que somos se não eternos pesquisadores? Como podemos melhorar a nossa prática se não paramos para rever e trocarmos ideias com outros profissionais? Isso nos leva a pensar que há um desinteresse por parte dos docentes em aumentar a consciência crítica acerca de seus projetos escolares, num movimento de experimentação didática, pelo uso de novas estratégias de ensino e pela adoção de uma organização mais eficiente da prática docente.

Referências

CARR, W.; KEMMIS, S. **Teoría crítica de la enseñanza**, Ed. Martinez Roca, Barcelona, 1988.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; ZEICHNER, Kenneth M. Pesquisa dos Educadores e Formação Docente voltada para a Transformação Social. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 63-80.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; ZEICHNER, Kenneth M. **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.

ELLIOTT, J. **El cambio educativo desde la investigación-acción**. 3. ed., Ed.: Morata, Madrid, Espanha, 190 p., 2000.

ELLIOTT, J. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. **Cartografias Do Trabalho Docente: Professor (a) - Pesquisador (a)**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil - ALB. 1998. p.137-1152.

LEWIN, Kurt. **Problemas de dinâmica de grupo**. Ed. Cultrix, São Paulo, SP, 1946.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. Professor como Pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: _____. **Cartografias Do Trabalho Docente: Professor (a) - Pesquisador (a)**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil - ALB. 1998. p.153-181.

STENHOUSE, L. **La investigación como base de la enseñanza**. Colección Pedagogia, La pedagogia hoy, 4. ed. Ed. Morata, Madri, Espanha, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZEICHNER, K. M. Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90. In: Nóvoa, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Publ. Dom Quixote, Ltda. Lisboa, p. 117 – 138, 1992a.

ZEICHNER, K. M. Action research: personal renewal and social reconstruction. **Educational Action Research** 1(2): 199 – 219, 1993.

Palavras-chave: Formação de professores. Metodologia. Pedagogia.